



## MONTAGUE STREET

**SEU NOME É SHERLOCK HOLMES**, da Mansão Holmes, em Sutton. Mas ele está na City de Londres e sente-se profundamente aborrecido. Isso pode soar estranho para quem só conhece a cidade pelos tabloides vespertinos, mas existem várias Londres. O lugar cinzento, com seu rio fedorento e suas chaminés cuspidando fumaça, descrita por escritores de todos os tipos, certamente está lá. É a Londres frenética dos trabalhadores e dos grandes negócios. Mas também há uma Londres mais colorida, de pubs, jantares e salões de festa, onde pessoas de todas as raças, costumes e tipos encontram-se para festejar. Aqui, tudo é possível, para quem tiver a coragem de experimentar. E, por baixo de tudo isso, há uma Londres terrível e gananciosa, pronta para devorar qualquer um, onde a vida vale um pouco menos do que as moedas que a vítima traz em seus bolsos.

Mas para Sherlock havia uma última Londres, que envolvia o edifício Musgrave, na Montague Street, próximo ao Museu Britânico, onde o único perigo real era morrer de tédio.

A noite já atingira a Londres malcheirosa e quente há algum tempo. O verão se espalhava pelas ruas, cozinhando o lixo acumulado, os detritos e os dejetos de milhares de cavalos que circulavam pela cidade em um caldeirão

espesso e rançoso, que se agarrava à pele e as roupas. A cidade era suja, brilhante, terrível e maravilhosa ao mesmo tempo. E Sherlock se acostumara a ouvi-la todas as noites, junto à janela do seu quarto. Bocejando, ele observou as nuvens cinzentas cobrirem a floresta de chaminés que se espalhava pelos telhados da maior metrópole do mundo. Luzes de lampiões incandescentes deixavam escapar uma promessa de calor e aconchego, mas eram como vagalumes em um bosque escuro, onde o perigo e o crime se escondiam em cada esquina e beco. A madrugada prometia chuva e, pela manhã, tudo estaria recoberto por uma nova camada de lama.

O rapaz fechou a janela com delicadeza, para não acordar seus vizinhos. Havia um jovem estudante de medicina que alugava o quarto ao lado e que era excepcionalmente ranzinza em relação aos barulhos noturnos. No seu segundo dia hospedado ali, umas três semanas atrás, recebera uma reprimenda do Sr. Gordon, o senhorio, por ter batido a janela após a meia-noite.

O quarto, iluminado apenas por uma lamparina de parafina, parecia duas vezes menor com as janelas fechadas. Sherlock não poderia reclamar, já que boa parte disso era culpa sua. Além do balde para carvão, vazio desde o último inverno, o aposento resumia-se à escrivaninha perto da janela, uma cama com criado-mudo, uma poltrona e o armário. Era o que o Sr. Gordon oferecia por duas libras por semana, mais o custo do carvão. Mas, além da mobília, Sherlock trouxera uma pilha enorme de livros da Mansão Holmes e a Sra. Macklin lhe presenteara com uma coleção impressionante de equipamentos de laboratório e produtos dos mais diferentes tipos, além de alguns tomos sobre experiências químicas. Ela disse que isso lhe ajudaria a passar o tempo enquanto a Mansão era reconstruída e, mais uma vez, a Sra. Macklin tinha razão. Sherlock passara algumas horas divertidas manipulando sais, catalisando reações e examinando compostos.

Bocejando novamente, ele estava prestes a trocar a camisa pelo pijama quando ouviu alguém girar levemente a sua maçaneta. Em alerta,

aproximou-se com dois passos rápidos, pescando um dos bastões de luta no caminho. A porta estava chaveada, mas a fechadura era simples e qualquer ladrãozinho barato poderia abri-la. Por um momento, recriminou-se por não ter providenciado a troca da fechadura ou, pelo menos, por não ter mandado instalar uma tranca. Mas agora era tarde para isso. Poderia lidar com as consequências dos seus atos depois, quando a ameaça tivesse sido neutralizada.

A maçaneta girou uma, duas, três vezes, antes da porta se abrir e um vulto se esgueirar para dentro do quarto. Posicionado na penumbra, Sherlock atacou o invasor por trás, pegando o seu braço e torcendo-o enquanto colocava o bastão contra o pescoço do sujeito.

— Ai! — exclamou a invasora, com uma voz feminina.

Sherlock a soltou imediatamente, assim que reconheceu a voz.

— Esta foi uma ideia bem idiota — disse ele, olhando feio para Cashmere Boswell, que deu um passo para dentro do quarto com a mão no pescoço, tentando recuperar o fôlego.

Sherlock observou por um momento a jovem cigana que trabalhava para o Prof. Anderton, o famoso médium e espiritualista de Cambridge, enquanto as informações que lembrava da garota passavam por sua mente. Depois que os seus pais foram mortos durante um ataque ao acampamento em Bazardjik, na Bulgária, ela estivera sob os cuidados do professor, primeiro como cozinheira e faxineira, até se tornar a sua secretária e assistente. No ano anterior, Sherlock envolvera-se duas vezes com a jovem negra e de longos cabelos cor de cobre e mal escapara com vida nas duas ocasiões. Seguidamente, ainda tinha pesadelos com o Facínora de Drury Lane Hall. [1]

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele, num sussurro.

— Aparentemente, sendo atacada — resmungou ela de volta, enquanto ajeitava a saia xadrez e a jaqueta.

Sherlock piscou os olhos.

— Me desculpe por isso, mas não costumo receber visitas que tentam invadir o meu quarto!

— E você costuma *receber* visitas? — perguntou ela, erguendo uma sobrancelha.

Sherlock franziu o cenho.

— Isso foi rude.

Cashmere apertou os dedos das mãos.

— Eu sei, me desculpe.

— Não foi nada — disse ele, dando de ombros. — Como descobriu que eu estava aqui?

— Estive na Mansão hoje e subornei um dos pedreiros — respondeu ela rapidamente, como se isso não fosse nada demais. Ela sentou-se na cama sem ser convidada e encarou Sherlock. — O que houve lá? Metade da mansão foi destruída!

— Um incêndio — disse Sherlock, lacônico. Não estava com ânimo para discutir as últimas semanas. [2] — Meu irmão assumiu um cargo temporário em Edimburgo e fui largado aqui até que a Mansão seja reformada.

— E seus pais?

— No Afeganistão — disse ele, mudando de assunto rapidamente. — O que está acontecendo, Cashmere? O que houve?

— Não quis esperar até amanhã — começou ela, voltando a apertar os dedos das mãos. — Você sabe, uma cigana visitando um jovem cavalheiro seria assunto em várias rodas de conversa.

— Você já me disse isso — falou Sherlock, lembrando-se de quando Cashmere o visitara na Mansão Holmes em uma madrugada durante o feriado de meio-período de Verão do ano anterior. — E, sinceramente, eu não me importo. Você é minha amiga e não tenho vergonha disso.

— Eu sei, mas...

— Cashmere — interrompeu Sherlock, sentando-se ao lado da amiga. — O que está acontecendo? O que houve com Anderton?

— Como sabe...

Sherlock levou os dedos às têmporas, girando-as rapidamente.

— Você foi até a Mansão Holmes durante o dia, o que contraria a ideia de que estaria preocupada com os mexericos da corte. Logo, o assunto é absolutamente urgente. Suas vestes estão sujas e amarrotadas e há duas manchas escuras embaixo dos seus olhos. Você não dorme há algum tempo e é óbvio que tem andado ao relento. Alguma coisa aconteceu com o professor.

Ela deixou escapar um sorriso torto.

— Você está cada dia melhor nisso, sabia?

— É — disse Sherlock, numa voz sem emoção. — Acho que estou. E então?

Ela apertou os lábios e agarrou as mãos do rapaz.

— O professor Anderton — disse ela, com a respiração entrecortada. — Ele foi sequestrado!



1. Leia *O Facínora da Drury Lane – Os Feriados do Jovem Sherlock – Volume 04* – disponível na [Amazon](#).

2. Se quer saber o que aconteceu com Sherlock, sua família e a Mansão Holmes, leia a série *Sherlock e os Aventureiros*, publicada pela [Editora AVEC](#) e disponível na [Amazon](#).